

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

OS BENEFÍCIOS DAS ATIVIDADES LÚDICAS NA SALA DE AULA DE GEOGRAFIA

Adilza Moniz¹, Prof.^a Dr.^a Maria Cleonice B. Braga²

¹Bolsista voluntária, Graduanda em Licenciatura em Geografia, Universidade Estadual de Feira de Santana, email: adilza.moniz@hotmail.com;

²Orientadora, Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, email: nicebraga08@gmail.com

PALAVRAS-CHAVES: Atividades lúdicas, ensino, conteúdos geográficos.

INTRODUÇÃO

Os atos de ensinar e de aprender necessitam da presença de sujeitos em diferentes posições que trocam conhecimentos e assumem posições ética, política, ideológica e pedagógica.

Historicamente, aprender antecede ao ensinar, porém o primeiro não negligencia o segundo e vice versa. Para ensinar é necessário desenvolver uma curiosidade no aprendiz, curiosidade essa que, com o passar do tempo, o indivíduo se torna um ser crítico e possuidor do conhecimento epistemológico do objeto a ser estudado. Segundo Moraes (1986, p.33):

Nunca será demais repetir: ensinar é desencadear conflitos, é tornar claro o choque entre a ignorância e informação, entre alienação e consciência político-social, entre perplexidade e compreensão, entre o “feijão e o sonho” (o princípio do desejo e os limites da realidade) etc. Desvelar, juntamente com o educando, o embate da vida, sempre com a competência e o cuidado de respeitar os limites emocionais e intelectuais do aluno naquele ponto da sua existência.

O docente deve ensinar ao discente como esse deve se “aproximar” dos objetos cognoscíveis para que possa tornar a aprendizagem significativa e organizada, se entendendo como um mediador que deve manter uma rigorosidade metódica no processo de ensino. Esse ato, através da pesquisa, leva o docente ao pensar certo, levando esse a ser criativo, indagador, problematizador, constatando e intervindo em todo o processo de aprendizagem. Ajuda assim, no desenvolvimento crítico do educando.

Educar compreende, conforme Freire (1997), entre outras questões, a consciência e a sensibilidade do educador para tornar-se capaz de auxiliar a passagem de uma “curiosidade ingênua” para uma “curiosidade epistemológica” dos educandos diante dos variados conteúdos de uma determinada disciplina. Assim, o objetivo da prática educativa é tirar o educando da sua visão simplista de senso comum para uma consciência mais fundamentada teórica, cientificamente. Para tanto, é de fundamental importância que o professor associe os conteúdos a serem ensinados com os que já fazem parte do *know how* do aluno, entendendo as ações sócio-construtivistas como essenciais para o desenvolvimento cognitivo do educando.

As atividades lúdicas se constituem em instrumentos pedagógicos que podem ser utilizados na sala de aula e, que são considerados, por muitos pesquisadores (SANTOS, 2001; MARTINS, 2009; KLIMEL, 2007), de grande relevância no processo de ensino e aprendizado e também como responsável no desenvolvimento comportamental dos estudantes, facilitando a relação aluno/aluno e aluno/professor.

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

Foi durante o desenvolvimento do Componente Curricular Estágio Supervisionado em Geografia que se levantou vários questionamentos sobre a importância das atividades lúdicas para a sala de aula no terceiro ciclo do Ensino Fundamental. Entendendo a sala de aula como uma espécie de laboratório que oferece condições para que os futuros professores possam, através de diferentes experiências, perceber que essa é formada por seres sociais, diferentes e que o processo de ensino aprendizagem ocorre de formas variadas. Sendo assim, diversos problemas deverão aparecer, entre eles estão: a indisciplina, a dificuldade na aprendizagem, o desinteresse, o isolamento, entre outros. Daí a importância do Estágio Supervisionado, que, segundo Godoi e Saiki (2007, p.29), “tem um papel fundamental na formação do futuro professor. É o estágio tanto de observação a participação, como de regência, que possibilita ao aluno a vivência das relações no cotidiano escolar, adquirindo informações e habilidades para formar novos profissionais”.

Essa foi uma possibilidade visualizada, naquele momento, como mecanismo para tentar superar a desmotivação dos alunos pelas aulas da disciplina. Em outras palavras, as atividades lúdicas foram utilizadas com o objetivo de facilitar a aprendizagem dos conteúdos geográficos e, ao mesmo tempo, melhorar a convivência e o comportamento dos alunos em sala de aula.

METODOLOGIA

O trabalho foi elaborado e desenvolvido durante a regência devido a dificuldade para resolver o excesso de indisciplina e a falta de interesse nas aulas de Geografia. Assim, o trabalho foi dividido em dois momentos: o primeiro ocorreu durante a realização da regência, todas realizadas no Componente Curricular Estágio Supervisionado. Durante a regência, foram utilizadas atividades lúdicas em sala de aula. Os objetivos da realização dessas atividades foram: a) facilitar a aprendizagem dos alunos associando o lúdico com os conteúdos geográficos; b) melhorar a convivência entre os alunos/alunos e o alunos/professor na tentativa de diminuir a indisciplina em sala de aula.

A revisão bibliográfica foi iniciada desde o momento da seleção da problemática visando perceber as variadas abordagens que diferentes autores fazem em relação à utilização das atividades lúdicas em sala de aula, como essas contribuem para o aprendizado dos conteúdos geográficos e para a formação social dos alunos do terceiro ciclo do Ensino Fundamental.

No segundo momento, ocorreu a coleta de dados realizada através de um grupo focal que tem como objetivo central o “conhecimento de atitudes, comportamentos e percepções dos sujeitos pesquisados” (OLIVEIRA, 2008). Os alunos falaram sobre as experiências vividas em sala de aula com base na participação nas atividades lúdicas e o que consideraram importante tanto para aprender quanto para melhorar a convivência em sala de aula.

Também foram colhidos dados sobre comportamento e participação dos alunos que foram analisados quantitativamente com base nas categorias “insuficiente”, “regular”, “bom” e “ótimo”. Utilizando o comportamento pró-social – “refere-se ao oposto ao anti-social, sendo o comportamento que envolve ajudar os outros ou, de alguma maneira, apresentar-lhes gestos positivos” (STRATTON, 1994) – como base para a avaliação diária, foi considerado como “ótimo” a apresentação de gestos positivos e a convivência harmoniosa com os outros alunos da turma; “bom” como sendo a apresentação de gestos positivos, mas não para com todos os membros da turma; “regular” quando os gestos positivos variaram a depender do momento e da pessoa do grupo; e “insuficiente” quando apresentou poucos gestos positivos e que

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

constantemente estavam em conflito como os membros do grupo. A análise desses dados foi realizada à luz dos referenciais bibliográficos que embasam a pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados apresentados são produtos da avaliação diária do comportamento, da participação e da frequência dos estudantes durante o primeiro e o segundo período da regência do Estágio Supervisionado. O primeiro período foi o que havia muito resquício do método de ensino da professora regente, e o segundo período foi o que a estagiária pôde atuar de fato sem tanta interferência do “antigo” método de ensino.

Com base na análise dos resultados obtidos com a avaliação diária do comportamento dos alunos (ver gráficos 1 e 2), podemos perceber uma mudança no comportamento discente entre o primeiro e o segundo período em todos conceitos (“bom”, “insuficiente”, “regular” e “ótimo”). Constata-se um aumento quantitativo nos conceitos “regular” e “ótimo”, e uma queda nos conceitos “bom” e “insuficiente” entre os dois períodos analisados. Houve uma diminuição no comportamento considerado “insuficiente” de 3,45%. Isto quer dizer que o comportamento desses alunos melhorou no período analisado. Com relação ao comportamento considerado “regular” houve uma melhora ainda mais perceptível, de 13,79%.

Com relação ao quesito “bom” houve uma diminuição no percentual de comportamento, baixando 7,58% do que antes tinha (33,79%). Já o “ótimo” aumentou de 8,97% para 15,17%, o que implicou num crescimento de 6,2%. Podemos perceber uma significativa movimentação interna dos dados, ou seja, para que os conceitos “regular” e “ótimo” aumentassem, foi necessário que os conceitos “ruim” e “bom” decrescessem, comprovando assim, a interligação desses dados.



Fonte: Dados da pesquisa empírica

Gráfico 1

1º período - Comportamento dos alunos (%)

Gráfico 2

2º período - Comportamento dos alunos (%)

A participação dos alunos durante as aulas de Geografia, em função da utilização das atividades lúdicas, também melhorou consideravelmente durante o período, como podemos perceber nos gráficos 5 e 6 a seguir. Conforme a análise feita, o conceito “bom” cresceu 1,38%, assim como a anterior, o “regular” apresentou um crescimento de 11,72%, o “ótimo” cresceu apenas 0,69% e o “insuficiente” diminuiu de 26,21% para 21,38%, ou seja, uma diferença de 4,83%.

Considerando que a pesquisa foi realizada em um curto período de tempo podemos inferir que os alunos melhoram sua participação de forma lenta, mas gradual. Assim, os alunos passaram a questionar nas aulas, interagem nas atividades, realizaram as tarefas extra-classe, entre outros. Essa análise também precisa considerar a diversidade sócio-cultural presente no universo da sala de aula, pois essa é composta por alunos com diferentes personalidades (tímidos, apáticos, extrovertidos etc.) e de diferentes realidades o que, direta e

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

indiretamente, influenciam no momento desses interagirem uns com os outros, com o conteúdo e com o professor.

O papel do desenvolvimento da atividade lúdica contribuiu para que o aluno “auto-avaliasse suas estratégias, seu desempenho, sua concentração e refletissem necessidades de mudanças de postura” (KLIMEK, 2007, p.120), pois “a atividade lúdica na escola, na busca de novos conhecimentos, exige do educando uma ação ativa, indagadora, reflexiva, desveladora e socializada” (SCHADECK, 2009, p.6). Sendo assim, contrária à submissão, passividade e alienação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento das atividades lúdicas na 5ª série de uma escola pública de Feira de Santana foi importante para o processo de ensino e aprendizado dos conteúdos geográficos e também para melhorar a convivência em sala de aula. Contudo, os objetivos não foram totalmente contemplados porque as atividades foram desenvolvidas em curto espaço de tempo e necessitaria de uma avaliação mais consistente dos resultados.

A utilização das atividades lúdicas pode parecer insignificante e uma perda de tempo, mas é relevante entender que essas, quando manejadas corretamente, modificam não só o cotidiano da sala de aula como também a realidade discente em diversos aspectos. Por isso é importante o papel do professor ao desenvolver e mediar jogos e brincadeiras em sala de aula, pois esse não deve separá-los dos conteúdos a serem estudados. O professor deve também ser neutro para, injustamente, não beneficiar nenhum aluno nos possíveis resultados das atividades desenvolvidas.

O uso das atividades lúdicas nas aulas de Geografia demanda tempo para o planejamento, pois exige que a atividade seja articulada com os conteúdos a serem estudados. No entanto, todo o aumento de trabalho é recompensado com as mudanças e melhora dos alunos e de suas relações com a turma e com o professor. Inicialmente, essas mudanças pareceram insignificantes; contudo, com o decorrer das aulas, elas foram reconhecidas no aumento da frequência, diminuição da indisciplina, melhora das relações aluno/aluno e aluno/professor, maior participação nas aulas e melhores notas no final do processo avaliativo. Por isso se faz necessário maior estudo e pesquisa sobre a temática para que a sala de aula seja um espaço prazeroso para a aprendizagem e não continue sendo o lugar para o desenvolvimento de atividades mnemônicas.

Enfim, como disse Freire (1996, p.14) ser professor é “[...] muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas” (FREIRE, 1996, p.14). É ser crítico, ético, pesquisador, aceitar as diferenças, escutar, respeitar o outro, criar condições para um bom relacionamento em sala de aula; é dar liberdade e ter autoridade, é formar seres críticos e cidadãos. Então, por que não utilizarmos as atividades lúdicas para por em prática a nossa verdadeira função enquanto docente?

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GODOI, Francisco Bueno de ; SAIKI, Kim. A prática de Ensino e o Estágio Supervisionado. In: PASSINI, Elza, Y. *Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado*. São Paulo: Contexto, 2007.

KLIMEK, R. L. C. Como aprender Geografia com a utilização de jogos e situações-problemas. In: PASSINI, Elza Yasuko. *Prática de ensino de Geografia e estágio supervisionado*. São Paulo: Contexto, 2007. MARTINS, Marilena Flores. *O Homem Lúdico*.

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

- IPA Brasil – Associação Brasileira pelo Direito de Brincar. In: www.ipa-br.org.br. (2009).MORAIS, Regis de. O que é ensinar. São Paulo: EDU, 1986
- OLIVEIRA, Marta Kohl de. Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico. São Paulo: Editora Scipione, 1993.
- SANTOS, Santa Marli Pires dos Santos (Org.). A ludicidade como ciência. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001
- SCHADECK, Marise. A oficina somos nós: o desenvolvimento do homo ludens no ensino de ele. In: <http://www.megacontador.com.br/a-oficina-somos-noso-desenvolvimento-do-homo-ludens-no-ensino>.